

Os sobreviventes de guerras e perseguições dizem que os relatos e os filmes que tentam reproduzir os acontecimentos não passam de retratos pálidos da verdade, em geral cheios de lacunas. Os jornais banalizam os conflitos, transformando as vítimas em uma sucessão de anônimos, números frios noticiados ao lado de recomendações culinárias e tendências da moda. *Nenhum peixe aonde ir* evidencia o que sabem os escritores dedicados a manter viva a memória das grandes atrocidades: apenas a ficção e a poesia nos aproximam da realidade da angústia, do medo e da dor.

Paulo Schiller



A guerra mergulha no coração de uma menina, obrigada a sair de sua cidade num dia ensolarado. O que fazer quando a guerra entra em casa e, sob a máscara dos soldados, reconhecemos um olhar? Pode o inimigo ser alguém de quem gostamos? O que levar quando é preciso fugir? Como deixar para trás o peixe ao qual se prometeu o mais belo universo?

Marie-Francine Hébert vive em Montreal, Canadá. É uma das mais admiradas, populares e prolíficas autoras de livros infantojuvenis. Ao longo de sua vida, recebeu vários prêmios importantes e seus livros têm sido traduzidos para diversas línguas.

Janice Nadeau estudou desenho gráfico em Montreal, Canadá, e em Estrasburgo, França. Este é o primeiro álbum que ela ilustrou e pelo qual já recebeu o Governor General's Award for Illustration. Seu trabalho também foi premiado pela revista Applied Arts, de Toronto, Canadá.



Tradução *Maria Luiza X. de A. Borges*



Nenhum peixe aonde ir

Marie-Francine Hébert — Janice Nadeau

Nenhum peixe aonde ir

Marie-Francine Hébert

Ilustrações Janice Nadeau

Nenhum peixe aonde ir

Com uma linguagem poética, musical, suspensa entre ilustrações delicadas que revelam o abismo existente entre os sonhos da infância e a violência das guerras, *Nenhum peixe aonde ir* conta a história de uma menina, Zolfe, e sua família, expulsas de casa por homens armados e com rostos cobertos por máscaras — embora o perigo fosse pressentido, um misto de incredulidade e esperança paralisou seus pais, impedindo o planejamento de uma fuga a tempo. Zolfe segue para uma marcha forçada, sem rumo, que a separa de sua melhor amiga. As duas se vêem apenas de longe, distanciadas pela insanidade dos adultos. A ela resta a solidariedade tecida pelo livro que leram infinitas vezes e conhecem de cor. Esse pequeno livro, uma alegoria da liberdade expressada pelas criações de um ceramista invisível, compõe um segundo conto, que acompanha a trama maior.

(continua)



Nenhum peixe aonde ir

Marie-Francine Hébert

Ilustrações Janice Nadeau

Tradução Maria Luiza X. de A. Borges



O pote dos sonhos

O que cabe neste pote?
Ele não é grande nem pequeno.
Todo dia fica diferente,
Mas sempre do tamanho certo,
Para caber tudo o que você quiser
E, dependendo do momento,
Tirar dali o que puder.
Quem não quer um pote assim?

A todos, pequenos e grandes,
que trabalham para elevar
o espírito humano
no grande pote da vida.

M.-F. H.

A René e Arlette

J. N.

Rumores de viagem flutuavam pela casa. Uma viagem? Havia muito tempo que Zolfe sonhava com isso! No começo, eram apenas rumores fugazes. Meias palavras que escapavam do quarto dos pais. “Partir”, “ir embora”, palavras que, quando a noite caía, trincavam o silêncio. Os rumores eram cada vez mais insistentes. Frases inteiras esvoaçando em torno do ouvido, como em redor de um ninho:

- Temos que tomar uma decisão...
- Rapidamente...
- Ir para onde...



Às vezes, era para bem perto : a casa dos pais, a casa dos amigos. E Zolfe pensava : vai ser então uma visita e não uma viagem, uma de verdade, como nos livros.

Às vezes, era para bem longe :

— As crianças vão estranhar...

— E também não temos dinheiro para isso.

O destino : este era o grande problema.

No entanto, bastaria iluminar o globo terrestre. Todos aqueles países cujas cores se acendiam, essas regiões do planeta tantas vezes percorridas com o dedo ! Mas era impossível para Zolfe propor aos pais um lugar que fosse, pois logo eles saberiam que ela andava escutando atrás das portas. E correria o risco de estragar a surpresa que eles queriam fazer aos filhos.



— Será preciso viajar discretamente...

— ...levar apenas o que for necessário.

Ah! Partir sem destino, mochila nas costas! Seria preciso também separar o necessário do supérfluo. O necessário de Zolfe corria o risco de parecer supérfluo aos olhos dos pais. E vice-versa. Ela acabou decidindo que levaria uma bagagem aceitável para todos: “Em primeiro lugar, *O pote dos sonhos*, meu livro preferido”.





Um belo dia Lüll, uma
mocinha bem comum,
achou ao pé da cama um
vaso incomum. Belos con-
tornos e um pescoço solene
levavam a crer que nele
havia algo muito precioso.
“Foi o senhor Fée, o cera-
mista, que o trouxe para
você”, disseram seus pais.
Deixaram Lüll e seu pote,
e foram cuidar da vida.
Como se todo mundo
encontrasse um vaso assim
ao pé da cama.